

Dragões de Eter



CÍRCULOS DE CHUVA

Raphael Draccon

*** permitido apenas com o propósito de divulgação ***

I

CÍRCULOS DE TERRA

01

Prestes a entrar no salão, a mão dela estava fria, mas não o coração.

O Salão Real estava iluminado por candelabros, que arrastavam luzes trêmulas lambendo o ambiente eufórico. Bandejas, taças, talheres de prata; nobres homens exibindo sorrisos de poucos dentes, belas mulheres com maquiagens em excesso exibindo vestidos de tecidos caros, militares de uniformes impecáveis, de medalhas polidas e de botas lustradas se exibindo simplesmente. Aquele era mais um evento; mais uma consagração no Salão Real do Grande Paço; local onde muito havia sido feito e dado ao mundo.

E, cada vez mais, muito pouco havia retornado a ele.

Dessa vez, havia um tapete vermelho que levava a três tronos, como na cerimônia em que Anísio Branford fora consagrado Rei. A diferença, dessa vez, estava apenas na distribuição. Porque dessa vez dois tronos estavam um ao lado do outro, à frente. E, ao fundo, o trono onde deveria estar sentado o hoje primeiro príncipe de Arzallum, Axel Terra Branford, estava vazio.

Corneteiros reais ecoaram os acordes. E escutou-se a voz que anunciava:

– Vossa Majestade, Rei Anísio Terra Branford!

E Rei Anísio entrou. Vestia a capa e a armadura com o símbolo de Arzallum no peito. Trazia nas mãos o bastão de ouro maciço. Trazia na cabeça a coroa de ouro e diamante em forma de estrelas cruzadas de cinco pontas. E trazia também todo o silêncio que acompanha os passos de um Rei na direção de mais uma etapa da história do mundo.

As pessoas, com exceção das que também eram Reis ou Rainhas, se ajoelharam enquanto ele passava com uma expressão indefinida entre a preocupação ou a alegria que acompanha uma satisfação. Sem definir se estava diante de uma dádiva dada ao

homem que é escolhido dentre milhões para liderá-los, ou do fardo que acompanha a mesma escolha diante da mesma liderança.

Do lado de fora, chovia copiosamente.

Do lado de dentro, ao menos do peito de cada uma daquelas pessoas, tudo parecia queimar como papel arremessado em uma fogueira. O fato era que o mundo estava diferente. O filho do Maior dos Reis havia assumido aquele trono há pouco tempo, porque o pai fora assassinado em um ritual de magia negra. Caçadores de Bruxas retornavam com poder militar e apoio popular. Gnomos e homens de olhos puxados chegavam dos céus em navios que deveriam estar acima do mar, trazendo uma magia que prometia uma evolução que assustava e fascinava o ignorante. E o príncipe daquele Reino, o campeão do mundo, não estava ali.

Ao menos, daquela cerimônia havia restado algo de profundo, e que aliviava um pouco os peitos em brasa. Ao menos o segundo acorde daquelas trombetas trazia ao salão um rosto que todo súdito ama assistir.

Porque todo homem que já viu uma princesa como Branca Coração-de-Neve caminhar, prestes a receber a coroa de um Reino, agradece pela existência.

– Vossa Majestade, Rainha Branca Coração-de-Neve!

Foi assim. Foi assim que naquele dia, apesar de chover copiosamente do lado de fora, de alguma forma, da maneira que apenas os poetas entendem, parecia que também chovia no peito de homens vivos.

02

Axel Branford desceu do corcel acompanhado de alguns soldados, e caminhou pesado diante da chuva. Os pés pisavam na lama e pareciam formar círculos nas pegadas deixadas para trás. Havia lágrimas, que ele limpava insistentemente. Vestia

uma blusa grossa com capuz, lembrando vestes de pugilistas, mas dessa vez sentia o mundo pesando nas costas. E pesando muito.

Pesando a ponto de cravar-lhe no chão, feito uma árvore, e não se sentir mais vivo.

– Alteza...

A voz do soldado despertou o príncipe. Ele observava o cenário de batalha. Era circular, como uma arena de pedras. Diversos pontos estavam destruídos por choques poderosos o suficiente para arrancar a cabeça de um homem, mas apenas necessário para o resultado final daquilo.

E havia sangue.

Ele podia ver a marca, que permanecia manchando determinados pontos ainda que a chuva tentasse limpá-los. Eram como medalhas de guerra penduradas em paredes decalcadas; como insígnias emolduradas para os filhos de condecorados mortos; como um registro de tintas de um pintor competente exposto à chuva, e com imagens borradas demais.

Axel Branford tentava construir uma imagem mental do que teria acontecido naquele círculo de pedra, e por mais que a imaginação pensasse coisas ruins, ele ainda não acreditava que era fiel o suficiente a como deveria ter realmente acontecido.

– Alteza...

Axel seguiu a voz do soldado, feito um zumbi sem vontade própria, ou uma marionete ligada à cordas. Outros soldados abriam caminho, enquanto seu príncipe passava. Todos estavam de cabeça baixa.

Todos.

Axel Branford chegou ao canto direito daquele círculo de pedras, onde havia um imenso corpo coberto por um lençol. Um soldado o esperava de cócoras, prestes a retirar o tecido grosso e preto. Ele também mantinha a cabeça baixa. O agora primeiro príncipe de Arzallum parou diante dele, e disse:

– Soldado...

O lençol foi retirado. E Axel Branford viu.

03

Branca Coração-de-Neve entrou. Caminhou como Rainha e postou-se diante de seu trono. Ajoelhou-se e fez uma referência a Anísio Branford. O Rei de Arzallum lhe devolveu a reverência. Segurava nas mãos o bastão de ouro real e com as duas mãos em oferecimento, curvou-se um pouco, e o ofereceu à Branca.

A Rainha o aceitou.

Depois se colocou de frente aos nobres presentes, e chorou quando viu o pai e Rei, Alonso Coração-de-Neve, caminhar em sua direção, com uma coroa de ouro e diamante em forma de estrelas de cinco pontas, quase idêntica, apenas uma pouco menor que a de Anísio Branford, nas mãos.

Rei Alonso Coração-de-Neve também chorava.

A Rainha inclinou a cabeça em humildade para aceitar a coroa que a consagrava. Os três, dois Reis e uma Rainha, fizeram mais uma reverência, e a Rainha de Arzallum se sentou no trono ao lado de seu Rei. Nobres novamente se ajoelharam. Rei Alonso derramou mais uma lágrima.

E a Rainha Branca Coração-de-Neve limpou a garganta, prestes a falar.

04

O soldado cobriu novamente o corpo morto que havia sido exposto. Axel Branford apertava um dos punhos, estressando o próprio corpo, e sentindo a cabeça ferver como se fosse implodir. O peso do mundo aumentou nas costas. Os dentes se espremeram, a ponto de ranger.

Nenhum soldado levantou a cabeça.

E em silêncio, todos eles fizeram uma oração ao Criador pela alma de um dos seus.

Moonwarkston, o troll Muralha, estava morto.

05

– Do lado de fora, chove. – iniciou a Rainha Coração-de-Neve. – Eu olho a chuva tocando nos vitrais desse Paço, e não posso parar de pensar em como ela me lembra lágrimas. Porque neste local muitas delas foram derramadas, seja por parte de minha família, seja pela de meu amado. Duas famílias, que a partir do dia de hoje, se tornam uma, assim como suas lágrimas e seus sorrisos. Não existem duas vidas iguais, mas existem sentimentos que co-habitam corações diferentes. E hoje, sagrada Rainha da maior nação do mundo, meu único desejo é que um mesmo sentimento habite nossos diferentes corações. Que esse sentimento seja de justiça, de amor, de esperança, de solidariedade. Não importa; meu único desejo como Rainha é que um dia um mesmo sentimento habite diferentes corações. Porque acredito que isso é algo pelo qual um povo e seus monarcas poderiam viver uma vida inteira para descobrir, e merecer a *criação* no processo. Hoje os Reinos de Arzallum e Stallia se unem em uma bandeira que não sabemos se será manchada de sangue, mas que nos fará estar em arenas quando for preciso, e estar na sala dos enfermos quando for inevitável. Estaremos em campos de batalhas em tempos de guerra, e estaremos em anfiteatros em tempo de paz. Mas a guerra interna, não importa em que tempo estejamos, nunca termina. Merlim

Ambrosius, o Christo de Avalon, nos mandou orar e vigiar cada segundo, nos mandou amar os inimigos, e nos ensinou que a magia de um caldeirão é menos perigosa que a força de um pensamento. Então, eu lhes pergunto: que tipo de pensamentos teremos em Arzallum? Que tipo de sentimentos teremos unificados em nossos corações? Ajudem seu Rei e sua Rainha a descobrir. Por isso, quando possível, esqueçam um pouco, e façam como semideuses: sonhem. Sonhem hoje, sonhem sempre. Sonhem conosco...

Nobres se levantaram e aplaudiram com vigor sua nova Rainha. E unificaram por um breve momento o mesmo sentimento dentro de cada coração. Um sentimento que dizia muito.

Sonhem conosco.

Sempre.

06

João Hanson acordou com um balde de água fria no rosto.

Levantou-se assustado, procurando compreender em ordem lógica o que naquele momento ainda lhe era subjetivo. Estava dormindo em uma cama dura, improvisada com palha e cobertores no chão de um estaleiro onde dormiam cavalos. O cheiro do local era enjoativo, inalando excremento animal e urina por todo canto. O tipo de cheiro que não sai ainda que um local seja lavado, e que após um longo tempo exposto o homem até se acostuma, mas sem saber se é porque o olfato resolveu ignorar a informação sensorial ou se o odor se entranhou tanto ao longo da exposição, que é difícil separá-lo de si mesmo após o distanciar.

– Quantas malditas horas você precisa pra dormir, Hanson? – perguntou um homem de pé diante dele.

Eram cinco horas da manhã.

João provavelmente havia ido dormir lá pela meia-noite. Havia sido assim ao longo daquela semana inteira. João havia chegado sorridente ao novo posto de escudeiro de cavaleiro. Trazia um sorriso no rosto, satisfação nas costas e um orgulho estufado no peito. Uma mochila com poucos pertences e um cobertor pessoal.

Cumprimentou Rinaldo Grimaldi, cavaleiro da Guarda Real e seu novo senhor, e perguntou aonde guardava suas coisas. Rinaldo disse-lhe que *em seu quarto*. João já estava entrando sorridente na casa, quando o cavaleiro gritou com ele. Ele virou-se assustado, sentindo-se como um criminoso pego em flagrante por um crime que não tinha psicológico suficiente para compreender ter cometido.

“Se eu o vir entrando pela porta da frente de novo nesta casa, enfio-lhe um golpe na nuca, compreende?”.

João pensou em dizer alguma coisa. Mas apenas aquiesceu.

“Escudeiro entra pela porta dos fundos da casa de um cavaleiro. Lugar de escudeiro é junto de bicho, e de toda ralé a que ele pertence. Você compreende?”

João compreendeu. E segurando o cobertor entre os braços, em profundo silêncio, caminhou para o celeiro sujo, vazio e inebriante.

Nos três dias daquela semana havia sido acordado com baldes de água fria primeiro às oito da manhã. Depois às sete. Depois às seis.

Naquele dia ele não sabia mais, mas era às cinco.

Mais uma vez estava molhado e com frio. Sentindo os ossos racharem, feito galhos em crescimento que acumulam neve sobre si. Galhos que rangem com o peso que carregam.

Mas não quebram.

Quantas malditas horas você precisa para dormir, Hanson?

O homem continuou ali olhando para ele, esperando uma resposta atravessada. *Desejando* uma resposta do tipo. Mas João apenas fechou a expressão, ergueu-se, e disse:

– Poucas, senhor...

O homem à frente dele não era *apenas* um cavaleiro. Rinaldo Grimaldi era o cavaleiro que, conhecido por Lorde Ivanhoé, um dos *originais* da histórica e sangrenta Caçada de Bruxas, convocou-o pessoalmente para aquela função. Um cavaleiro que testemunhou o desafio de João Hanson convocando um homem que desafiou a honra de *sua noiva prometida* para um Tribunal de Arthur; uma arena dominada por magias antigas onde ele matou pela primeira vez. De vez em quando, João tinha pesadelos quando se lembrava do acontecido. Pesadelos por se lembrar da sensação de tirar uma vida. Pesadelos por ter *gostado* da sensação. Por não sentir remorsos.

E por se sentir pecaminoso com a culpa de não se sentir culpado.

– Está com frio? – perguntou o cavaleiro Rinaldo Grimaldi. Era a primeira vez em quatro dias que ele perguntava aquilo.

– Um pouco, senhor.

Rinaldo ESTALOU um tapa na nuca de João.

– O frio é psicológico. – expressão difícil e pouco utilizada a empregada pelo cavaleiro. “Psicológico”. – Repita.

– *O frio é psicológico...* senhor.

Rinaldo balançou a cabeça duas vezes, virou-se de costas, e saiu, resmungando:

– Em dois minutos, lá fora. Com a espada.

E saiu antes mesmo que João Hanson pudesse dizer: “sim, senhor”. Na nuca, a marca vermelha da região estapeada. O jovem olhou para a espada de madeira encostada no canto. Uma espada de madeira de treinamento, como a que utilizara no treinamento de escudeiro. Como a que aposentara um guarda-costas e espadachim experiente, *antes* de matar seu protegido algumas horas depois.

A culpa da falta de culpa voltou a corroer o jovem Hanson.

O cheiro daquele lugar pareceu não diminuir.

Maria Hanson havia terminado de dar sua aula na Escola Real do Saber e juntou seu material, observada por um visitante que havia assistido a sua aula e não se retirara. Estava magra, esquelética, fraca. Nem de longe lembrava aquela outrora professora alegre e simpática de tempos atrás. Isso havia acontecido desde... desde... bom, desde que havia levado um fora do namorado e sido trocada pelo homem da sua vida por alguma prometida nobre que o teria em seus braços em pouco tempo, e nas divagações de Maria Hanson já desde sempre.

Sabe, somente uma garota que já levou um *grande* fora do namorado no momento em que se considerava dentro de um conto de fadas, e de um dos *bons* contos de fadas, sabe como é a sensação de ter o mundo ruído aos pés quando ele se interrompe bruscamente. Quando a sensação de vida desaparece, quando o estímulo se esvai e a alegria desiste de lhe acompanhar. Quando a realidade parece inconcebível com o antigo sonho contado.

Imagino que a vontade seja a de enforcar o narrador do conto.

Com Maria Hanson não foi diferente. Comia pouco, quando comia. Falava pouco, quando falava. E chorava muito. Muito. Chorava quando estava sozinha, e quando se recolhia em algum canto à simples menção do nome dele.

E como se dizia o nome dele.

Somente após ele não estar mais na vida dela é que percebeu o quanto o nome de Axel Branford era dito *o tempo inteiro* naquela cidade. Junte a isso a morte inesperada do pai e você poderá entender o que se tornou a vida para aquela boa garota, hoje de dezessete anos.

– Como pode um conto de fadas terminar mal, professor? – ela perguntou ao tal visitante que ainda se encontrava na sala. O senhor era Sabino von Fígaro, antigo professor daquele local, o responsável pela indicação de Maria como professora e João como aprendiz de cavaleiro, hoje um dos sete Conselheiros Reais e dizem até que em cargos mais altos do que isso.

– Nenhum conto de fadas termina mal, senhorita Hanson. Se atualmente não está bem, é porque então ainda não chegou ao fim.

– Não; o meu conto de fadas terminou.

– Preferia, pois, não ter amado?

Maria, que mais parecia que estava falando sozinha, observou melhor o professor retornando a mente àquela sala.

– Como?

– Afinal, na vida é preferível amar e perder ou nunca ter amado? – insistiu o velho professor.

– É preferível não sofrer a dor da perda.

– E como se pode amar separado da dor? E como se pode valorizar algo distanciado da perda?

– Não tomando conhecimento da injustiça do amor platônico.

– Maria... Maria... – repare a troca do “senhorita Hanson” pelo primeiro nome. – Como toda jovem, você tem uma vida pela frente e muito a ser aprendido...

Maria apenas o observou, trazendo no olhar a espera por uma conclusão mais objetiva que *respeitasse* a sua dor.

– Ninguém pode ser considerado totalmente infeliz quando ama. Até o amor platônico tem sua beleza.

– Talvez para quem o observe, mas não para quem o sinta.

– Sabe o que lhe traz a dor? Não é a falta, é a presença constante do pensamento nele.

– Não posso iludir a ausência da pessoa pensada.

– Talvez...

– Nem posso controlar a escolha dos meus pensamentos.

– Talvez não. Mas pode decidir não se entregar aos sentimentos destrutivos que eles provocam.

Maria suspirou. O irmão naquele momento estava ralando que nem um condenado para sustentar a casa e havia matado um homem pela honra da família. Quando pensava nisso, Maria se sentia mal pelos momentos depressivos provocados por aqueles sentimentos inúteis a sua vida atual, e que pareciam pequenos perto dos atuais sacrifícios do irmão.

Um irmão que havia encontrado o amor da sua vida e provavelmente se casaria com ele em pouco tempo, porque nenhum dos dois era de realidades sociais diferentes.

– Como poderia não me entregar a eles, professor?

– Começando pela distração que relembra à mente que o mundo ainda existe.

– Não posso fugir de mim mesma...

– Nem deve. A senhorita deve se levar para sair, e se mostrar que a vida continua.

Maria Hanson riu.

– Professor, o senhor às vezes parece um sábio.

– É um outro nome para velho.

– O senhor não é velho, o senhor é... *experiente*.

– *Também é* outro nome para velho.

Maria voltou a sorrir. Sabino adorou que a garota voltasse a lembrar como era tal expressão.

– A senhorita viu a peça que estreará no dia de hoje no Majestade? – perguntou o professor.

– *O Quebra-Nozes?*

– Sim, é uma história de amor proibido.

– Não sei se deveria vê-la então.

– Bom, recebi convites, e irei com uma... *amiga* assistir à peça.

Oh, meu Criador, pensou Maria, até mesmo professor Sabino von Fígaro, com toda *sabedoria* e *experiência*, tinha relacionamentos amorosos melhores do que ela.

– Fico feliz por você, professor...

– E se não se incomodar, gostaria que viesse conosco.

Maria se surpreendeu. E muito. Não conseguia mesmo compreender se havia sentido no que havia escutado.

– Nossa, professor, eu... nem sei o que dizer...

– Convide mais alguém. Chame seu irmão.

– Não, ele não pode. Só tem liberado para descanso o quinto dia. Mas eu poderia chamar Ariane...

– O prazer será meu. Quero apenas que tenha consciência de que é preciso seguir em frente, senhorita Hanson. – e Sabino fez uma pausa, prestes a sair da sala. – A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.

E o velho senhor se foi. Maria ficou observando a porta, pensativa. Em seus pensamentos, apenas uma única dúvida.

A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.

Será mesmo que algum dia, algum poeta saberá realmente o que diz?